

Sobre *A Música* de Agostinho de Hipona

Érico Nogueira¹

Trabalhando já há anos com temas e problemas interdisciplinares, pertinentes assim à filologia como à filosofia, chamou-me a atenção a ausência de tradução vernácula de *A Música*, de Agostinho de Hipona, – obra esta que, justamente, partindo do estudo dos fundamentos matemáticos do ritmo, e passando por uma descrição minuciosa das sílabas, pés, metros e versos latinos principais (o que seria objeto da filologia), culmina em originalíssima reflexão *filosófica* sobre a percepção, a beleza sensível e os seus imutáveis fundamentos metafísicos, assentes em Deus. A tradução que se lerá a seguir ao lado do original – segundo clássica edição de Migne em *Patrologia Latina* XXXII, col. 1069-1174 – é a conclusão e epílogo de todo o tratado (isto é, Livro VI, capítulo XVII, parágrafos 56-59). Minha intenção foi fazer jus, em português, à reconhecida mestria retórica do latim de Agostinho, sem, contudo, descurar a precisão propriamente filosófica do texto. A tradução completa, com introdução e notas, será publicada em 2020 pela Editora Paulus. Boa leitura.

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e Professor de Língua e Literatura Latinas na Universidade Federal de São Paulo.

A Música: epílogo

Agostinho de Hipona

Tradução de Érico Nogueira

XVII, 56. Nos tantum meminerimus, quod ad susceptam praesentem disputationem maxime pertinet, id agi per providentiam Dei, per quam cuncta creavit et regit, ut etiam peccatrix et aerumnosa anima numeris agatur, et numeros agat usque ad infimam carnis corruptionem: qui certe numeri minus minusque pulchri esse possunt, penitus vero carere pulchritudine non possunt. Deus autem summe bonus, et summe iustus, nulli invidet pulchritudini, quae sive damnatione animae, sive regressione, sive permansione fabricatur. Numerus autem et ab uno incipit, et aequalitate ac similitudine pulcher est, et ordine copulatur. Quamobrem quisquis fatetur nullam esse naturam, quae non ut sit quidquid est, appetat unitatem, sui que similis in quantum potest esse conetur, atque ordinem proprium vel locis vel temporibus, vel in corpore quodam libramento salutem suam teneat: debet fateri ab uno principio per aequalem illi ac similem speciem divitiis bonitatis eius, qua inter se unum et de uno unum carissima, ut ita dicam, caritate iunguntur, omnia facta esse atque condita quaecumque sunt, in quantumcumque sunt.

XVII, 56. Lembremos apenas (e isto é de suma pertinência para a nossa discussão) que a providência de Deus, por que Ele criou e rege todas as coisas, atua de tal modo que mesmo n'alma pecadora e desgraçada os números atuem, e ela neles, e isso até a mais baixa corrupção da carne – números esses que podem ser cada vez menos belos, sim, mas que não podem carecer de toda beleza¹. Mas Deus, sumamente bom e sumamente justo, não vê com maus olhos beleza nenhuma, seja a fabricada pela danação, ou pelo retorno, ou pela permanência da alma. Já o número começa a partir de um, é belo pela igualdade e semelhança, e copula segundo a ordem. Por isso, quem quer que declare que não há ente algum que, para ser o que é, não tenda à unidade e não se esforce quanto possa por ficar semelhante a si mesmo e não preserve a sua ordem própria no tempo e no espaço ou a própria saúde à base de certo equilíbrio incorpóreo, – bem, terá então de declarar que todas as coisas que existem, na medida em que existem, foram feitas e criadas desde um único princípio por uma forma igual e semelhante a Ele nas riquezas de Sua bondade, e graças à qual o uno e o uno que provém do uno se conjungem entre si na mais cara, digamos, caridade.

1 Cf. *Confissões* I, 10, 6: “E no entanto pecava, Senhor meu Deus, ordenador e criador de todas as coisas naturais, dos pecados, porém, tão-só ordenador [...]”. Ou seja, se Deus é o autor de todas as criaturas naturais, é-o, porém, apenas indiretamente do que se passa na esfera moral, como os vícios (i.e., os pecados) e as virtudes. Os pecados, porém, por razões que apenas a Divina Providência sonda e conhece totalmente, tomam parte no todo, cuja ordem e beleza colaboram para preservar.

XVII, 57. Quare ille versus a nobis propositus – *Deus creator omnium* – non solum auribus sono numeroso, sed multo magis est animae sententiae sanitate et veritate gratissimus. Nisi forte movet te tarditas eorum, ut mitius loquar, qui negant de nihilo fieri posse aliquid, cum id omnipotens Deus fecisse dicatur. An vero faber potest rationabilibus numeris qui sunt in arte eius, sensuales numeros qui sunt in consuetudine eius operari; et sensualibus numeris progressores illos quibus membra in operando movet, ad quos iam intervalla temporum pertinent, et his rursus formas visibiles de ligno fabricari, locorum intervallis numerosas: et rerum natura Dei nutibus serviens, ipsum lignum de terra et caeteris elementis facere non potest; et ipsa extrema non poterat de nullo? Imo et arboris locales numeros, temporales numeri antecedant necesse est. Nullum est enim stirpium genus quod non certis pro suo semine dimensionibus temporum et coalescat, et germinet, et in auras emicet, et folia explicet, et roboretur, et sive fructum, sive ipsius ligni occultissimis numeris vim rursus seminis referat: quanto magis animalium corpora, in quibus intervalla membrorum numerosam parilitatem multo magis aspectibus offerunt? An ista de elementis fieri possunt, et ipsa elementa non potuerunt fieri de nihilo? Quasi vero quidquam sit in eis vilius et abiectius quam terra est. Quae primo generalem speciem corporis habet, in qua unitas quaedam et numeri et ordo esse convincitur. Namque ab aliqua

XVII, 57. Portanto, o verso que propusemos (*Deus creator omnium*) não só é agradabilíssimo aos ouvidos, mercê do som numérico, senão ainda mais à própria alma, pela salubridade e *verdade* da sentença – isto, é claro, se a lerdeza (sejamos indulgentes) dos que negam que se possa criar algo a partir do nada não te comove, quiçá, ainda que se diga que o Deus *omnipotente* é que o criou. Mas será que com os números racionais da sua arte o artífice pode acionar os números sensíveis do seu uso, e com os sensíveis os batedores com que move os membros ao atuar (para os quais já importam os intervalos de tempo), e com os batedores, alfim, fabricar em madeira formas visíveis que são numéricas em suas dimensões espaciais, mas a natureza das coisas, que obedece aos movimentos de Deus, não pode fazer esta madeira a partir da terra e os demais elementos²? Muito pelo contrário, é preciso que os números temporais da árvore precedam os seus números espaciais. Com efeito, não há gênero de vegetal que, na medida de tempo determinada em prol da semente, não medre e germine e brote ao ar livre e esparrame as suas folhas e se fortifique e ora produza fruto, ora a força de uma nova semente, conforme os secretíssimos números da própria planta. E os corpos dos animais mais ainda, cujos intervalos entre os membros oferecem ao olhar uma paridade numérica ainda maior. Acaso essas coisas podem ser criadas a partir dos elementos, mas os próprios elementos a partir do nada – esses não podem? Francamente: como se neles houvera algo mais vil e abjeto do que a terra. Ora, a terra, primeiro, tem a forma genérica do corpo, na qual se comprova que há certa unidade, números e ordem. De facto, a partir

2 Lembre-se que, para a física ou filosofia natural do período, tudo o que existe na natureza é composto pelas mais diversas combinações dos quatro elementos básicos – a saber, terra, fogo, água e ar.

impertili nota in longitudinem necesse est porrigatur quaelibet eius quantumvis parva particula, tertiam latitudinem sumat, et quartam altitudinem qua corpus impletur. Unde ergo iste a primo usque ad quartum progressionis modus? Unde et aequalitas quoque partium, quae in longitudine et latitudine et altitudine reperitur? Unde correlativeitas quaedam (ita enim malui *analogiam* vocare), ut quam rationem habet longitudo ad impertilem notam, eadem latitudo ad longitudinem, et ad latitudinem habeat altitudo? Unde, quaeso, ista, nisi ab illo summo atque aeterno principatu numerorum et similitudinis et aequalitatis et ordinis veniunt? Atqui haec si terrae ademeris, nihil erit. Quocirca omnipotens Deus terram fecit, et de nihilo terra facta est.

XVII, 58. Quid porro? ipsa species qua item a caeteris elementis terra discernitur, nonne et unum aliquid quantum accepit ostendat, et nulla pars eius a toto est dissimilis, et earundem partium connexionem atque concordiam suo genere saluberrimam sedem infimam tenet? Cui superfunditur aquarum natura, nitens et ipsa ad unitatem, speciosior et perlucidior propter maiorem similitudinem partium, et custodiens locum ordinis et salutis suae. Quid de aeris natura dicam, multo faciliore complexu ad unitatem nitente, et tanto speciosiore aquis, quam illae terris sunt, tantoque superiore ad salutem? Quid de

de algum ponto indivisível, é necessário que uma sua partícula – por menor que seja – se estenda em comprimento, tome largura como terceira e altura como quarta dimensão, com as quais o corpo se completa³. Logo, donde vem essa medida de progressão do primeiro ao quarto⁴? Onde a igualdade das partes que se acha no comprimento e na largura e na altura? Onde uma como correlação (assim preferi chamar a ἀναλογία⁵), de modo que a proporção entre o comprimento e o ponto indivisível seja a mesma que houver entre a largura e o comprimento e entre a altura e a largura? Onde é que vêm essas coisas, eu te pergunto, senão do sumo e eterno princípio dos números e da semelhança e da igualdade e da ordem? Todavia, se as tirares da terra, então nada haverá. E por isso o Deus omnipotente fez a terra, que foi feita a partir do nada.

XVII, 58. Que mais? A própria forma com que a terra se distingue dos outros elementos não mostra, quicá, o quanto de unidade recebeu, e que nenhuma parte sua é diferente do todo, e que mercê da conexão e concordância entre essas partes ela mantém o lugar mais baixo, sim, mas, no gênero que é o seu, aquele que mais se conserva? Sobre a terra se derrama a natureza das águas – a qual também tende à unidade e, pela maior semelhança entre as partes, é mais formosa e mais translúcida, além de guardar o lugar da sua ordem e conservação. E o que direi da natureza do ar, que tende à unidade com uma abrangência muito mais ágil, e é tão mais formosa que a das águas quanto essas o são em

3 Segundo a geometria antiga, do ponto provém a linha, da linha a superfície, e da superfície o volume. Além disso, o trecho é também clara alusão à famosa passagem de São Paulo em Ef 3, 18: “Para que possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura e o comprimento e a altura e a profundidade” (Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo).

4 Isto é, do ponto ao volume.

5 Cf. acima no livro primeiro o capítulo XII, parágrafo 23, em que o Doutor traduz o grego ἀναλογία pelo latim *proportio*, i.e., “proporção”.

coeli supremo ambitu, quo tota universitas visibilium corporum terminatur, et summa in hoc genere species, ac saluberrima loci excellentia? Ista certe omnia quae carnalis sensus ministerio numeramus, et quaecumque in eis sunt, locales numeros qui videntur esse in aliquo statu, nisi praecedentibus intimis et in silentio temporalibus numeris qui sunt in motu, nec accipere illos possunt, nec habere. Illos itidem temporum intervallis agiles praecedit et modificat vitalis motus, serviens Domino rerum omnium, non temporalia habens digesta intervalla numerorum suorum, sed tempora ministrante potentia; supra quam rationales et intellectuales numeri beatarum animarum atque sanctarum, legem ipsam Dei, sine qua folium de arbore non cadit, et cui nostri capilli numerati sunt, nulla interposita natura excipientes, usque ad terrena et inferna iura transmittunt.

XVII, 59. Quae potui et sicut potui de tantis tantillus tecum contuli. Sermonem autem hunc nostrum mandatum litteris si qui legunt, sciant multo infirmioribus haec esse scripta, quam sunt illi qui unius summi Dei consubstantialem et incommutabilem Trinitatem, ex quo omnia, per quem omnia, in quo omnia duorum Testamentorum auctoritatem secuti venerantur et colunt eam credendo, sperando et diligendo. Hi enim non

relação às terras, e tão superior no tocante à conservação? E da suprema abóbada celeste o que direi, por que a unidade total dos corpos visíveis se delimita – e também a suma formosura do gênero e a mais ciosa excelência do lugar? Certamente essas coisas todas, que enumeramos com o auxílio do sentido carnal, e tudo o que há nelas, não podem receber nem manter os números espaciais que parece haver em certo estado se não os precederem em silêncio os mais íntimos números temporais que no movimento estão. Do mesmo modo, precede-os e modifica-os – a eles que atuam em intervalos de tempo – o movimento vital obediente ao Senhor de todas as coisas, não por ter dentro em si os intervalos temporais de seus números, senão por uma potência que administra os tempos: acima da qual os números racionais e intelectuais das almas santas e bem-aventuradas, recebendo a própria lei de Deus (sem a qual não cai folha de árvore e pela qual estão contados os nossos cabelos) sem interposição de natureza nenhuma, transmitem-na às alçadas terrenas e subterreas⁶.

XVII, 59. De tão grande assunto eu pequenino conversei contigo só o que pude, e como pude. Nada obstante, se alguém nos ler este diálogo que foi confiado às letras, saiba que escrito foi para gente bem mais débil que a que, seguindo a autoridade de ambos os Testamentos, venera a consubstancial e incomutável Trindade do sumo e único Deus, de quem tudo, por quem tudo, e em quem tudo existe, e a cultua por atos de fé, esperança e caridade. Com efeito, eles não foram purificados por cintilantes

6 Cf., a propósito desta passagem, *Retratações* I, 11, 4: “Por conseguinte, naquilo que disse ao final deste livro – ‘... os números racionais e intelectuais das almas santas e bem-aventuradas, recebendo a própria lei de Deus (sem a qual não cai folha de árvore e pela qual estão contados os nossos cabelos) sem interposição de natureza nenhuma, transmitem-na às alçadas terrenas e subterreas’ – não vejo como se possa mostrar que o vocábulo ‘almas’ foi empregue segundo as Sagradas Escrituras, pois aí desejei referir-me aos santos anjos somente, dos quais não recordo haver lido nos divinos discursos canônicos que tenham uma alma”.

scintillantibus humanis ratiocinationibus, sed validissimo et flagrantissimo caritatis igne purgantur. Nos autem dum negligendos esse non existimamus quos haeretici rationis et scientiae fallaci pollicitatione decipiunt; tardius incedimus, consideratione ipsarum viarum, quam sancti viri qui eas volando non dignantur attendere. Quod tamen facere non auderemus, nisi multos pios Ecclesiae catholicae matris optimae filios, qui puerilibus studiis loquendi ac disserendi facultatem quantum satis est consecuti essent, eadem refellendorum haeticorum necessitate fecisse videremus.

raciocínios humanos, mas pelo poderosíssimo e ardentíssimo fogo da caridade, isto sim. Nós, porém, estimando que aqueles a quem os hereges enganam com a promessa falaz da razão e da ciência não devam ser abandonados, avançamos mais lentamente, ao considerar essas vias, que os santos varões que, sobrevoando-as, nem dão por elas. O que, no entanto, não ousáramos fazer, se não víramos que tantos piedosos filhos da católica e melhor madre Igreja (isto é, dos que, por seus estudos juvenis, adquiriram habilidade suficiente para discutir e discursar) o fizeram também, pela mesma necessidade de refutar os hereges.